

PREFÁCIO

Enivalda Nunes Freitas e Souza¹

O presente número da *Téssera* é composto por artigos que abordam imagens, símbolos e mitos na poesia, no cinema, e na prosa, cujos textos demonstram, ainda uma vez, que a arte prevalece como forma de conhecimento universal porque compartilha interesses próprios a todos os seres, interesses provindos de um patrimônio originalmente assentado no psiquismo humano. E quando esses conteúdos armazenados vêm à tona, em forma de arte, outros elementos se juntam a eles, como o meio sócio-cultural, o universo cósmico, a história, constituindo um sentido inédito agora enriquecido pela imaginação e pelo trabalho criativo.

O fascínio da arte persiste na forma sutil com que coloca o homem em relação com o mundo, a partir de engenhosas elaborações simbólicas, por isso o trabalho artístico pauta-se por constantes buscas do modo mais apropriado para alcançar esta relação sujeito-mundo. Nesta busca, sucedem-se movimentos, estilos de arte, estilos históricos, que são períodos de grande movimentação para superar recursos expressivos que o tempo vai ultrapassando. De forma criativa, imbuída de potencialidades simbólicas, a arte repete o procedimento do homem: observa a vida e a natureza e atribui-lhe um significado, um sentido.

Como as explicações racionais não satisfazem, nem ao homem, nem à arte, as imagens ganham um sentido simbólico, que é o acréscimo à parte misteriosa e inalcançável dos fenômenos. O ser humano, individual e coletivamente, está sempre criando símbolos, e estes funcionam como um acordo entre o sujeito e o mundo objetivo, seja ele social ou cósmico. O símbolo vai dando rosto à humanidade e constituindo seu *trajeto antropológico*, como assim o denominou Gilbert Durand. E o desafio da arte é a constante revigoração das formas simbólicas, empenho para reelaborar os temas arquetípicos em conformidade com o tempo em que se inscreve.

Considerando a premissa de um material psíquico compartilhado por todos os seres, é natural que cada cultura, cada obra de arte, atue na formação de imagens sempre surpreendentes

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Pós-Graduação. Coordenadora do GT "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais" (ANPOLL). É autora do livro *Flores de Perséfone: a poesia de Dora Ferreira da Silva e o sagrado* (2013), e organizadora de *Poesia com deuses: estudos de Hídrias*, de Dora Ferreira da Silva (2016), além de coorganizadora das obras *Roteiro poético de Hilda Hilst* (2009) e *Sonho de um repentista – versos do poeta logográfico Canelinha* (2009). eni@ufu.br

e cada vez mais enriquecidas pela experiência histórica. O símbolo não é fixo porque a percepção é afetada culturalmente pelo que Gaston Bachelard denominou de imaginação: os sentidos de uma imagem se desdobram; na poesia, e em todas as artes, podemos encontrar “cachos” de imagens que se avizinham, que instauram outras, de verso a verso, de quadro a quadro, de personagem a personagem, agrupamentos que vão construindo um sentido inesgotável, até onde a imaginação pode acompanhar.

Nenhuma obra de arte está fora de alcance da nossa percepção nem fora de nós mesmos. O que suas imagens plasmam revelam comportamentos e pensamentos humanos, revestidos de energia simbólica, porque são traduções arquetípicas do que Carl Gustav Jung chamou de *inconsciente coletivo* da humanidade, sem obliterar a força simbólica do inconsciente individual. Passado, presente e futuro, consciente e inconsciente, mal e bem, masculino e feminino, noite e dia, individual e coletivo, e tantos outros opostos que a razão impõe ruptura, são prontamente unificados pela força de um símbolo, que encontra expressão na obra de arte. Sem recorrer a uma verdade absoluta, sem dogmatismo, reatualizando criativamente os símbolos a cada criação, a arte se anuncia como forma de conhecimento do sujeito e de uma sociedade ao longo dos tempos, graças ao dinamismo psíquico que projeta em novidade as relações ancestrais e arquetípicas do homem com o meio social e cósmico.

Em “Representações da maternidade em poemas da *Recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo: uma análise pela teoria do imaginário”, de Ariel Oliveira Leite de Souza, o autor elege os poemas “Filhos na rua”, “Eu-mulher” e “Bendito o sangue de nosso ventre” para examiná-los à luz do estudo dos quatro elementos da fenomenologia bachelardiana e do conceito de escrevivência proposto por Conceição Evaristo. Sendo assim, o autor reveste de historicidade o estudo das imagens dos poemas, valorizando “o caráter engajado declarado pelo conceito de escrevivência” e a imaginação material de Bachelard, quando “a imaginação é devolvida à sua função vital que é valorizar as trocas materiais entre o homem e as coisas”

O artigo “O regime noturno da imagem na poesia de Antero de Quental”, de **Ayanne Larissa Almeida de Souza**, retoma as estruturas figurativas do imaginário de Gilbert Durand, além de Nietzsche e Shopenhauer, para empreender uma valoração positiva da noite na poesia do poeta português, sem opô-la, necessariamente, ao diurno. Segundo o autor, “a dimensão noturna está plena na poesia anterior e, com ela, todas as imagens que fazem parte desse regime e que Antero soube tão bem manifestar em seus versos: angústia, fragmentação e perda de identidade, niilismo (radicalização dos valores, tudo se iguala e, conseqüentemente, surge o

sentimento de tédio existencial), a melancolia, o uso de figuras de linguagem que expressam o interior do eu-lírico”.

As autoras de “Maria Moura e Marialva: escuridão e luminosidade?”, Bianca Matos Barros e Mairim Linck Piva, também se valem da perspectiva durandiana dos regimes da imagem para a análise dessas personagens femininas que, além de suas configurações próprias, desvelam outros modos de ser do feminino: “Dessa forma, procurando discutir a representação simbólica das personagens, percebe-se que Rachel de Queiroz aprofunda questões sobre a complexa questão do ser feminino e seus espaços sociais.”

“O imaginário erótico pessimista na poesia de Francisco Espinhara”, de José Eduardo Martins de Barros Melo e Jordy Dantas Maia, analisa a poesia do poeta pernambucano amparados por Bataille, Octavio Paz e Edinaldo Flauzino de Matos, “a partir do núcleo temático do “erotismo” entrelaçado com o “amor” e “ódio”, que compõem a dialética em que se pondera várias reflexões. Nesse sentido, aborda-se a poesia de Espinhara apontando para o seu perfil estilístico que se volta para uma obsessão incidente em sua própria existência na busca por algo que possa justificar o seu imaginário erótico, que explicita a contradição do amor e do ódio”. Para sustentar a reflexão sobre pessimismo e niilismo, derivados do erotismo, os autores buscam, ainda, a filosofia de Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer.

Ao investigar a obra de Lygia Fagundes Telles, Kelio Junior Santana Borges encontra na obra da escritora paulista um aspecto inusitado da figura mítica de Dioniso: a solidão, o que leva o autor a enveredar-se pelo pensamento de Friedrich Nietzsche no artigo “A solidão dionisíaca e seu valor profilático no conto “A sauna”, de Lygia Fagundes Telles”, fundindo mito, filosofia e literatura. Urdidos na criação das personagens, o autor encontra valores estéticos e culturais suficientes para identificar a obra lygiana como uma “poética dionisíaca”. Isto significa, pelo viés analisado, que as personagens se apresentam como máscaras atualizadas do mito e do rito dionisíacos, e nelas estão impressas a feição solitária do deus: “Em meio à escuridão e muitas vezes embriagados, as personagens lygianas retomam traços da narrativa mítica de Dioniso, deus acostumado à vivência solitária. Entretanto, tão importante quanto essa retomada de elementos do mito dionisíaco, é o fato de, por meio da representação desse estar só, Lygia Fagundes Telles propor outra perspectiva a partir da qual se avaliar a solidão dentro do mundo contemporâneo”.

Amparada por teóricos da arte poética, pelo fenomenólogo Gaston Bachelard, e por estudiosos da leitura da poesia em sala de aula, Maria do Socorro Pinheiro discorre em “Bendita

sois poesia entre as mulheres e bendito o fruto do seu imaginário” sobre a poesia erótica de três poetisas cearenses, Regine Limaverde, Aíla Sampaio e Hermínia Lima, levantando as possibilidades da inserção dessas autoras na sala de aula. Socorro Pinheiro recupera a poesia como educadora do ser humano, pela linguagem rica em imagens e afetividades, desencadeando a capacidade imaginativa que a escrita dimensiona, responsável por interferir na vida das pessoas: “As mulheres cultivaram a escrita como forma de luta e de resistência, que se não lhes foi propício o tempo todo esse exercício, ao menos lhes concedeu possibilidades de descobrir e de experimentar sua capacidade criativa. Elas assumiram uma *persona* desafiadora ao escrever sobre corpo, sexo e desejo”, e essa intervenção política não pode ser ignorada pelo sistema de ensino.

Como o título aponta, o artigo “A busca da identidade por Ofelia em O labirinto do fauno (2006): uma jornada mítico-simbólica”, de Rodrigo de Freitas Faqueri, investiga a constituição da identidade da personagem Ofelia, a partir dos elementos mítico-simbólicos que se entrecruzam na jornada da menina. Desta forma, o autor destaca a compreensão simbólica impressa nos principais elementos significativos da narrativa fílmica, que são a Fada, a lua, a noite, o sapo, a figueira, a encruzilhada, o âmbar, o labirinto e o fauno. No incurso dessa produção cinematográfica de Guillermo del Toro, o autor vale-se de Mircea Eliade, Carl Gustav Jung, Verena Kast, Chevalier e Gheerbrant. Sobre a teia significativa que os símbolos formam na narrativa em questão, em torno do tema proposto, o autor afirma: “A combinação dos símbolos mostra uma gama de significados ocasionados por eles de forma gigantesca. Não é por mera coincidência que um símbolo seja ligado a outro. No filme, a simbologia do número três, bem articulada com a simbologia da lua (cheia) e da noite, revela aspectos intrigantes e fundamentais para o desenrolar da trama”.

Com os artigos desse volume, a *Téssera* dá continuidade a seu compromisso de investigar a riqueza do imaginário humano nas produções literárias e artísticas, para que seus leitores, ao se reconhecerem, se enriqueçam.